

Petróleo em um mundo em descarbonização (1)

Simon Flowers

Alan Gelder

Ann-Louise Hittle

A demanda por petróleo está prestes a atingir um recorde no próximo ano, à medida que continua a se recuperar das baixas induzidas pelo Covid-19 em 2020. Mas uma vez passado o atual risco de recessão, qual é a trajetória da demanda em um mundo que está se descarbonizando e como isso influenciará os preços do petróleo? Perguntei a Alan Gelder, Chefe de Refinação, e Ann-Louise Hittle, Chefe de Macro Oils, que, com seus colegas, compararam as perspectivas para o petróleo no caso base do WoodMac (perspectivas de transição energética, ou ETO) e nossa energia acelerada de 1,5°C cenário de transição (AET-1.5).

Quanto a demanda de petróleo cai em um cenário de 1,5°C?

Em dois terços nas próximas três décadas. A demanda é de apenas 35 milhões de b/d até 2050 no cenário, abaixo dos 99 milhões de b/d em 2022 - são 60 milhões de b/d abaixo da nossa previsão atual de ETO para 2050 de cerca de 95 milhões de b/d.

A eletrificação do transporte é o principal fator no cenário de 1,5°C. O setor de transportes já está mudando, com veículos elétricos substituindo carros de passeio a gasolina. No cenário, esse ritmo de deslocamento se acelera nas próximas duas décadas, apoiado pelo rápido crescimento do fornecimento de matérias-primas para baterias. Mais eletrificação, células de combustível, gás natural/GNL e biocombustíveis progressivamente consomem diesel e gásóleo (transporte rodoviário pesado), óleo combustível (navios) e combustível para aviação (aviação); e não-transporte usos de petróleo nos setores industrial, comercial, agrícola e residencial. A nafta, principal matéria-prima para o setor petroquímico, mostra-se o derivado de petróleo mais resiliente no cenário impulsionado pela demanda sustentada por plásticos.

Quais são as implicações para o fornecimento de petróleo?

O mundo precisará de muito menos oferta no cenário de 1,5°C do que no ETO. Mesmo assim, o setor de E&P ainda terá que fazer investimentos significativos nas próximas duas décadas para atender à queda da demanda. Calculamos que 20 milhões de b/d de novos suprimentos serão necessários até meados da década de 2030 para compensar o declínio dos campos produtores. Esses novos barris virão do crescimento das reservas (campos existentes), outras descobertas conhecidas e ainda por descobrir. O investimento upstream cairá para cerca de metade do gasto anual atual de mais de US\$ 400 bilhões por ano até a década de 2030 e diminuirá depois disso.

O risco geopolítico estará sempre presente mesmo no mundo AET-1.5, à medida que a oferta se torna cada vez mais concentrada em menos países. A participação de mercado dos produtores do Oriente Médio aumenta drasticamente de 30% atualmente para mais de 50% no início da década de 2040, à medida que a oferta diminui de regiões de maior custo.

Como os preços do petróleo são afetados no cenário? Com o tempo, eles serão muito menores. Em nosso ETO, o Brent detém cerca de US\$ 80/bbl no futuro próximo para incentivar o investimento no novo suprimento de custo mais alto necessário para atender à demanda firme. Nem todos esses barris de custo mais alto serão necessários no cenário de 1,5°C.

A demanda cai 2 milhões de b/d a cada ano a partir de meados da década de 2030 no cenário, muito mais rápido que a oferta. A Opep enfrentaria um desafio quase impossível se procurasse proteger os preços cortando volumes para equilibrar o mercado.

Usando nossa ferramenta detalhada de fornecimento de petróleo, a previsão de preço para AET-1.5 está vinculada aos preços de equilíbrio do desenvolvimento futuro, incluindo o crescimento das reservas. O Brent cai para US\$ 55/bbl (real) em 2030, abaixo de US\$ 40/bbl (real) em 2040, e nunca se recupera.

1,5°C representa uma ameaça existencial para o refino?

Vai colocar uma pressão enorme sobre o setor. À medida que a demanda por petróleo cai, o mesmo acontece com as taxas de utilização das refinarias, provocando fechamentos e racionalizações. A mudança na lista de produtos de combustíveis de transporte para destilados médios e nafta favorecerá refinarias mais sofisticadas integradas a petroquímicos e locais que se converteram em biocombustíveis e estão inseridos na economia circular.

Quão realista é o cenário de 1,5°C?

A invasão da Ucrânia sublinhou como o mundo é dependente de petróleo, gás e carvão. A segurança energética está subitamente no topo da agenda política e com os preços do gás inflacionados, o carvão está de volta à matriz

energética. Alguns governos, incluindo o Reino Unido, estão oferecendo à indústria de petróleo e gás novos incentivos para investir no fornecimento. A consequência é que as emissões globais de carbono não cairão tão rapidamente quanto se esperava logo após a COP26 ; na verdade, eles podem se sustentar por mais tempo à medida que as economias navegam pela crise.

No entanto, a descarbonização também tem um papel crucial no cumprimento das metas de segurança energética. Estamos vendo uma aceleração simultânea da política para colocar o mundo em um caminho de 1,5°C. A Europa dobrou as metas de baixo carbono com REPowerEU; a Lei de Redução da Inflação do governo Biden promete posicionar os EUA como um líder de transição em tecnologias de baixo carbono; e há um progresso significativo em toda a Ásia. A China está eletrificando o transporte rodoviário de passageiros em ritmo acelerado, embora a demanda por gasolina ainda esteja aumentando, por enquanto.

Achamos que isso sinaliza que a aspiração de atingir o zero líquido permanece intacta. Se o progresso nesta década for um pouco mais lento, o ritmo da mudança na próxima década pode ser muito mais rápido - incluindo a interrupção da demanda por petróleo.

1. Artigo publicado em WoodMack. Disponível em:
<https://www.woodmac.com/news/the-edge/oil-in-a-decarbonising-world/>